

# **Imagética e historicidade do reflorestamento da Floresta da Tijuca (Rio de Janeiro, Brasil) sob os olhares de Marc Ferrez e Augusto Malta**

**Gabriel Paes da Silva Sales<sup>1</sup>  
Rejan R. Guedes-Bruni<sup>2</sup>**

A paisagem e biodiversidade brasileiras encontram-se documentadas nas coleções biológicas, coligidas por naturalistas, desde as missões científicas estrangeiras, tais como: Viagens Filosóficas (1777-1822), Comissão Científica de Exploração (1856-1861), Missão Artística Francesa (1816-1831), mas não só. À chamada literatura de viagem, podem ser associadas as ilustrações científicas e, mais tardiamente, a fotografia, em 1833, pelo pintor e naturalista francês radicado no Brasil, Antoine Hercules Romuald Florence, como fontes documentais. A partir dos meados do século XIX surge o mais importante fotógrafo brasileiro, Marc Ferrez, documentarista da paisagem do Rio de Janeiro e arredores, e, mais adiante, Augusto Malta, com seus registros da evolução urbana desta cidade. Marcada pela diversidade de seu relevo e beleza paisagística, a cidade tem no Maciço da Tijuca um modelo de grande fotogenia, disponível à liberdade de pensamentos que define o olhar do observador e/ou artista que a capta num único e fugidivo momento de sua representação. A Floresta da Tijuca que lhe recobre é importante fragmento florestal urbano de Mata Atlântica onde ocorrem, ainda hoje, diversas espécies endêmicas e/ou ameaçadas de extinção. À esta floresta é atribuída a percepção, e em algum grau já uma lenda, de que toda a sua extensão é fruto do reflorestamento realizado por um enigmático personagem, Major Manoel Gomes Archer, e seis escravos, com o objetivo de salvar a cidade da crise de abastecimento d'água. Objetiva-se neste estudo, através do manuseio integrado de ferramentas típicas a diferentes áreas do conhecimento: investigar as transformações ocorridas na paisagem da Floresta da Tijuca, ao longo dos séculos. A metodologia valeu-se de iconografias do século XIX e início do XX, comparando-as às imagens do século XXI, produzidas nas mesmas localidades e sob semelhantes ângulos; documentos de arquivos históricos; coleções de herbários e mapas e cartas históricas. O material analisado permite desvelar áreas onde a vegetação fora suprimida, assim como outras áreas onde os fragmentos florestais ainda estavam conservados, convivendo, simultaneamente ou não, com a paisagem agrícola, ou do que dela restou. O material iconográfico histórico permite ainda, identificar algumas espécies botânicas, ocorrentes na paisagem retratada à época, assim como a densidade de seus indivíduos na antiga floresta, auxiliando a interpretação dos processos de sucessão ecológica na paisagem. Resulta de esta análise ressaltar, ainda, a importância das obras de Ferrez e Malta na ressignificação dos diferentes momentos da Floresta da Tijuca e matas adjacentes, para além da estética. As diferentes fitofisionomias, nelas expressas, permitem ao observador reconhecer parte da flora ali presente e o arranjo de suas espécies, facultando inferir sobre os estádios sucessionais nelas representados. Comparar ângulos fotográficos ou percepções sensíveis nos desenhos e pinturas de diferentes artistas, sob o olhar atual, constitui também registro das dinâmicas que se estabeleceram, ora por processos naturais de regeneração da vegetação, ora pela ação induzida, seja através do desenho paisagístico de um projeto de embelezamento para a área, ou pela simples seleção de espécies para plantio.

---

<sup>1</sup> Aluno de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. E-mail: paes.sales.gabriel@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, e Departamento de Biologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. E-mail: rejanbruni@puc-rio.br